

## A globalização de cada um

Nos últimos quinze anos, a economia mundial passou por grandes transformações. A Guerra Fria acabou e o capitalismo expandiu-se para países do antigo bloco socialista. Ao mesmo tempo, a maioria das nações abriu suas economias, o pé estimulou a entrada de investimentos externos e o aumento das exportações.

Organismos como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, além de governos liberais e empresas multinacionais, difundiram a ideia de que a abertura econômica e a redução do papel do Estado nas economias, por meio das privatizações, era o caminho para o desenvolvimento de todas as nações.

### Início das mudanças

O termo "globalização" passou a ser utilizado para descrever essa realidade de crescente interdependência entre governos, empresas, movimentos sociais e indivíduos. Entretanto, o fenômeno não é tão recente assim.

Diferentes ciclos de globalização sucederam-se no mundo, desde a Antiguidade. Entre os séculos XV e XVII, houve uma radical mudança de escala. As grandes navegações, a colonização de novas terras, o estabelecimento de rotas comerciais planetárias e a intensa acumulação de capitais prepararam o terreno para o surgimento de uma economia capitalista mundial. A Revolução Industrial, no fim do século XVIII, a expansão das áreas industrializadas e das comunicações, no século XIX, e a constituição das multinacionais, no século XX, definiram novas etapas desse mesmo processo.

Hoje, a economia ficou muito mais integrada. Cadeias de produção e fluxos de capital e mercadorias interligam nações distantes. O processo foi estimulado por novas tecnologias de informática e telecomunicações. Os capitais podem fluir imediatamente de um ponto a outro do planeta, em busca de taxas de remuneração mais atrativas. Com isso, os países também se tornaram reféns da conjuntura mundial. Uma alteração de juros nos Estados Unidos (EUA) ou um aumento nos preços do petróleo passaram a repercutir quase instantaneamente no resto do mundo.

Se a globalização envolve uma interdependência real entre economias e sociedades, ela também acenou com perspectivas que não se concretizaram. Imaginou-se um mundo plenamente integrado e sem fronteiras, no qual o próprio conceito de nação seria abolido. Para isso, os países deveriam eliminar entraves aos capitais e produtos externos. Novas tecnologias e métodos gerenciais promoveriam, por si sós, o aumento geral da produtividade, o bem-estar dos indivíduos e a redução das disparidades entre os países.

### Desigualdades

Ao contrário disso, os países industrializados continuaram prosperando mais que as nações em desenvolvimento. Se em 1990 a renda média dos 20% mais ricos da economia mundial era 60 vezes maior do que a dos 20% mais pobres, em 1999 ela passou a corresponder a 74 vezes. Um dos motivos do agravamento dessas diferenças é a política protecionista praticada pelas nações desenvolvidas, que concedem subsídios para a indústria e a agricultura e dificultam a entrada de mercadorias vindas de outros países. Com isso, os países em desenvolvimento para os quais os produtos agrícolas têm grande importância na balança comercial, enfrentam dificuldade em exportar.

Só em 2002, os agricultores dos países ricos receberam subsídios de 350 bilhões de dólares. Essa injeção de dinheiro na produção derruba o preço final das mercadorias. Assim, não há concorrência que sobreviva.

Uma das consequências é que quase dois terços das vendas mundiais continuam sendo praticadas pelas nações desenvolvidas.



O fato é que a desigualdade entre países ricos e pobres aumentou. A pobreza mantém-se em níveis elevados e, além disso, não houve avanços na regulação das condições ambientais. Tudo isso forneceu argumentos poderosos aos críticos da globalização. Muitos

deles não são necessariamente contrários a uma economia internacionalizada, mas afirmam que a globalização favoreceu apenas o capital financeiro, as multinacionais e os países ricos.

### Desafio futuro

Nos últimos anos, líderes sindicais e militantes de organizações não governamentais (ONGs) têm organizado manifestações de protesto paralelas às reuniões dos grandes organismos internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Banco Mundial e o FMI. Desse movimento surgiu também o Fórum Social Mundial (FSM)

A pergunta do momento é como estender os benefícios da globalização a todas as nações. O FMI e o Banco Mundial mantêm a defesa de reformas profundas, sugerindo medidas como o ajuste das contas públicas, o corte de gastos da máquina estatal, a redução do número de funcionários públicos e a reforma dos sistemas previdenciários. Ao mesmo tempo, esses organismos multilaterais reconhecem a necessidade de ampliar políticas compensatórias que minimizem os efeitos nocivos da desigualdade entre as populações miseráveis.



Os resultados obtidos na última década ainda não permitem uma conclusão. Países como México e China, aparentemente, vêm tendo bom desempenho. A maioria das nações latino-americanas, africanas e asiáticas, porém, não têm o que comemorar

### Um mundo arriscado e hostil

Artigo escrito pelo economista americano John Williamson trazia um título curto e atemorizante: "O Brasil é a bola da vez?". Williamson, que trabalha no Instituto Internacional de Economia, em Washington, gastou 24 páginas para responder à pergunta. Sua conclusão é que, depois do empréstimo de 30 bilhões recebido do Fundo Monetário Internacional (FMI) em agosto, o Brasil tem uma chance melhor de espantar o pânico do mercado e evitar a implosão da economia que certamente se seguiria. (...) Os investidores calculam a capacidade de pagamento que um país tem e passam a especular com a

possibilidade de sucesso ou de fracasso da economia na qual têm recursos

aplicados. Meses antes da eleição presidencial, o mercado especulou contra. (...) O novo presidente pode colocar o mercado a favor do Brasil. O mundo é de uma hostilidade fria e calculista. "Quando a conclusão é que o país é solvente, os especuladores começam a apostar em seu sucesso", diz Williamson. (...)

Veja,

30 de outubro de 2002